



INTERDISCIPLINAR ENSINO MÉDIO: embebidos pelo poder das ervas medicinais

Jéferson Luís Schaeffer*,
Karla Ferrari Machado,
Róger Sullivan Faleiro*,
Cristiane Antonia Hauschild,
Jane Herber,
Adriana Magedanz

Resumo expandido:

O presente trabalho tem como objetivo descrever um relato de experiência a partir do desenvolvimento de um projeto pedagógico intitulado “O poder das ervas medicinais ao longo do tempo”, que foi organizado pelo subprojeto Interdisciplinar Ensino Médio (IEM) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade do Vale do Taquari (PIBID–UNIVATES), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O método caracteriza-se por apresentar uma análise qualitativa da intervenção realizada, embasada em aportes teóricos da educação e da interdisciplinaridade, como Thiesen (2008) e Santos (2001), e também acerca do uso de plantas medicinais em diferentes períodos históricos, como Deckmann (2005) e Fernandes (2004).

O subprojeto IEM do PIBID–UNIVATES surgiu em 2014 e, atualmente, conta, em média, com doze bolsistas de diferentes cursos de licenciatura. Desde então, vem estudando e planejando propostas pedagógicas interdisciplinares com temas variados, como por exemplo: música, profissões, fotografia, cinema, etc. Como parceira em seus projetos, o grupo conta com uma escola pública da rede estadual, localizada no município de Lajeado/RS.

No segundo semestre de 2017, ao se reuniu para pensar em possíveis temáticas a serem desenvolvidas em forma de projeto, depois de algumas discussões, optou-se pela criação de uma proposta que proporcionasse aos alunos conhecer as propriedades e



utilização de ervas medicinais ao longo do tempo, desde sociedades indígenas até a contemporaneidade, partindo do uso de chás explorados pela sabedoria popular.

As duas turmas escolhidas para o desenvolvimento deste trabalho foram do segundo ano do ensino médio, ambas possuindo um pré-conhecimento do tema conforme assuntos abordados em sua grade curricular. A atividade inicial teve um caráter teórico, com o objetivo de promover uma contextualização acerca da utilização de plantas medicinais por diferentes sociedades através dos tempos. É importante frisar que a conjuntura abordada nesta etapa limitou-se aos séculos XVII à XXI, em espaços da América Latina.

Fazendo uso de recursos audiovisuais, os bolsistas de iniciação à docência consideraram a utilização de ervas medicinais por indígenas da etnia Guarani, que conforme Deckmann (2005), curavam suas enfermidades a partir do uso de medicamentos oriundos da natureza, como sementes, raízes e folhas de plantas, assim como aplicando unguentos e tratando verminoses. Da mesma forma, os alunos das duas turmas foram situados no referido período histórico, que, neste sentido, se trata da expansão marítima europeia e a concentração de indígenas em reduções jesuíticas na América, cujo contato interétnico com europeus provocara alterações nas práticas terapêuticas guaranis, lhes desintegrando de suas comunidades de origem.

No que diz respeito à contemporaneidade, construiu-se, junto aos envolvidos na proposta, o entendimento da similitude entre as práticas terapêuticas indígenas, já no século XVII, e a utilização de chás pela sabedoria popular na atualidade, que segundo Fernandes (2004), são inclusive comercializadas e receitadas por médicos, atuando juntamente à medicina moderna.

Dando sequência ao projeto, na semana seguinte, realizou-se uma oficina separada em dois momentos distintos. Para isso, os alunos foram divididos em dois grupos e direcionados a dois espaços diferentes. Metade da turma participou de uma exposição oral, que trouxe informações, através de imagens de algumas plantas que seriam usadas posteriormente, como nome científico e popular, propriedades, modo de preparo e contra-indicações. Ao fim, também foi mostrada uma nova técnica usada no campo biológico, o plantio e uso das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), que constitui uma nova



forma de utilizar plantas e cujo consumo vem crescendo atualmente e alcançando, principalmente, pessoas que adotam uma rotina alimentar mais natural, como vegetarianos e veganos. Para evidenciar essa nova tendência, foi exemplificada a horta comunitária da UNIVATES, que dispõe de PANCs e verduras.

Simultaneamente a atividade supracitada, a outra metade da turma participava da oficina de “sensibilização medicinal”. Esta ação priorizou a interação entre os alunos e as plantas medicinais, sendo organizada na prática em três fases.

Inicialmente, os alunos eram vendados e conduzidos à primeira mesa. Neste local, havia plantas como babosa, funcho, boldo, pariparoba, etc. Os participantes deveriam descobrir, apenas com o tato, quais as ervas que estavam tocando. Alguns alunos tiveram dificuldade para realizar a descoberta. Outros conseguiram responder, pois algumas plantas já haviam sido visualizadas durante a teorização ou eram conhecidas em função do uso doméstico familiar.

Na segunda fase desta prática, os alunos eram conduzidos a uma segunda mesa, onde deveriam descobrir os chás apenas pelo olfato. As plantas escolhidas para esta etapa foram: alecrim, marcela, alcachofra, melissa, erva-doce e arruda. Neste momento, os participantes expressaram seu conhecimento sobre alguns aromas típicos, porém demonstraram dificuldade em adivinhar o nome popular ou científico destas plantas. Alguns se demonstravam surpresos com o cheiro de algumas ervas e relatavam “deveria ter prestado atenção na minha avó”, o que reforçou o conhecimento popular sobre o tema abordado.

Na terceira e última fase, os alunos deveriam fazer uso do paladar. Numa terceira mesa foram oferecidos chás de marcela, boldo gelado, hortelã, poejo, losna e funcho, os quais deveriam ser experimentados, no intuito de descobrir de qual espécie se tratava, isto apenas a partir de seu sabor. Neste momento, alguns participantes se sentiram receosos, visto que não sabiam qual chá estavam provando. Muitos até acertavam com relativa rapidez, tecendo comentários e fazendo ligações com uso doméstico das referidas ervas: “Minha mãe



faz esse chá quando estou com gripe.”; “Lá em casa tem esse!”; “Eu tenho vários tipos na horta lá de casa.”.

Ao final desta segunda oficina, muito mais prática do que a primeira, os pibidianos questionaram os envolvidos sobre qual a sensação de explorar plantas com os olhos vendados. Alguns responderam que se sentiram vulneráveis, no entanto, argumentaram que, ao não usarem a visão durante a atividade, tiveram seus demais sentidos aguçados, o que potencializou o desempenho durante cada uma das tarefas.

Ao fim de toda a proposta, como de praxe no subprojeto IEM, realizou-se uma espécie de roda de conversa para avaliar a performance tanto dos alunos quanto dos bolsistas de iniciação à docência. Durante o projeto “O poder da plantas medicinais ao longo do tempo”, constatou-se grande participação dos alunos, um fato cada vez mais comum nas atividades pibidianas propostas. Além disso, também são perceptíveis as relações entre disciplinas construídas pelos alunos durante o processo.

Além da aquisição de conhecimentos ao longo das explicações teóricas e das atividades práticas, notou-se que os participantes puderam conhecer as plantas, não somente através de orientações orais e escritas, e sim, interagindo com elas a partir de seus outros sentidos, como a audição, o olfato e o paladar. Durante a oficina, também foi possível resgatar conhecimentos oriundos da sabedoria popular e os alunos ainda puderam ajudar seus colegas a descobrirem algumas plantas, o que favoreceu o trabalho em grupo.

Neste projeto, constatou-se que o uso de metodologias ativas, que conforme Berbel (2011, p.4) “têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor”, foram de suma importância para a construção de conhecimento, principalmente através da oficina de “sensibilização medicinal”. Por fim, é possível



vislumbrar que ações pedagógicas diferenciadas, alicerçadas na interdisciplinaridade, podem qualificar a atuação docente e potencializar o ensino.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. PIBID. Metodologias Ativas. Ervas Medicinais.

Referências:

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes.** DOI: 10.5433/1679-0359 v, 32, n. 1,2011. p.25.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **Sobre feitiços e ritos:** enfermidade e cura nas reduções jesuítico-guaranis, século XVII. São Leopoldo, UNISINOS. TOPOI, v. 6, n. 10, jan-jun. 2005, p.71-98.

FERNANDES, Tania Maria. **Plantas Medicinais Memória da Ciência.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

SANTOS, Simone. **A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento.** São Paulo – SP. 2001.

THIESEN, Juarez da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem.** In: Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 39, set/dez 2008. p. 546 - 554.